

Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa / *Circulation, Re-Accentuation and Memory in the Press*

*Dóris de Arruda C. da Cunha**

RESUMO

Este trabalho dá continuidade a pesquisas anteriores sobre a circulação dos discursos na mídia. Após a discussão de alguns conceitos da teoria dialógica de Bakhtin e seu Círculo, apresentamos alguns exemplos tirados de um corpus em que analisamos gêneros da imprensa, para mostrar que a escolha das palavras, a retomada e a reacentuação do discurso do outro são constitutivos da memória interdiscursiva, do posicionamento do autor e do sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Nominação; circulação; reacentuação; memória interdiscursiva; imprensa

ABSTRACT

This paper follows up previous research on the circulation of discourses in the media. It starts with a discussion of some concepts developed in Bakhtin's circle's dialogic theory and analyzes texts from the media to suggest that the choice of words, the reference and the re-accentuation of the discourse of the other are constitutive of the inter-discursive memory, of the positioning of the author, and of the meaning.

KEY-WORDS: *Nomination; Circulation; Re-accentuation; Inter-discursive memory; Press*

* Professora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ CNPq; doris@ufpe.br

INTRODUÇÃO

A mídia é objeto de estudo para diferentes áreas de conhecimento, especialmente para os pesquisadores da área de comunicação, que se interessam pelos conteúdos dos eventos, do ponto de vista político, econômico, sociológico, entre outros. Parte dos estudos brasileiros sobre os meios de comunicação de massa deriva da inspiração dos ensinamentos da Escola de Frankfurt. Outros se baseiam na abordagem funcionalista americana, para fazer uma análise crítica político-econômica.

Para nós, enquanto linguistas, não se trata de fazer análise de conteúdo, mas de estudar o funcionamento dos discursos da mídia, mais especialmente, como os acontecimentos são criados, representados, a partir da análise da escolha das palavras e do processo de retomada de outros discursos.

A teoria dialógica do Círculo de Bakhtin¹ traz noções operatórias para a análise dos gêneros da imprensa. A questão lexical, por exemplo, é do interesse de várias perspectivas teóricas, uma vez que o léxico está ligado aos processos de produção de sentido e às demais atividades linguísticas relacionadas à propriedade sistêmica da língua (MARCUSCHI, 2004). No entanto, o tratamento automático ao léxico para identificação de conteúdos, com estudos de frequências lexicais, feitos para tratar textos históricos datam dos anos sessenta. Esses trabalhos, a respeito do léxico como indicador temático, tinham um caráter estrutural e baseavam-se numa concepção de língua como sistema autônomo sem levar em conta os aspectos enunciativos. A análise na perspectiva dialógica dos processos de nomeação é uma outra via entre uma semântica referencial, uma semântica cognitiva

1 – Partilhamos com vários estudiosos da teoria dialógica a posição segundo a qual os escritos assinados originalmente por Voloshinov e Medvedev não são de Bakhtin, como mostrou Gardin já em 1978, tendo em vista a diferença de pensamento e de acentuações apesar da forte convergência entre os textos destes autores. A esse respeito ver também Bota e Bronckart (2008); Faraco (2003); Sériot (2008). Dessa forma, consideramos como de autoria do primeiro os textos publicados originalmente com sua assinatura. No entanto, a referência será feita conforme as edições publicadas no Brasil, que atribuem a Bakhtin/Voloshinov *Marxismo e Filosofia da linguagem*.

e uma semântica pragmática monológica, uma vez que consideramos o caráter axiológico das escolhas lexicais e a sua circulação. É nessa perspectiva que situam-se os trabalhos de Moirand (2007a; 2007b) sobre o ato de nomear na mídia, nos quais nos apoiamos também para analisar nossos textos.

Quanto ao segundo nível de análise, o da circulação dos enunciados, é importante salientar que se trata de compreender as relações dialógicas e históricas entre discursos, que se explicam, se opõem, se apóiam, etc., colocando o outro como “aliado, adversário, dizendo a verdade, fazendo erros, objeto de respeito, de gozação ou de desqualificação” (FIALA, 1986, p. 34 apud LEMARCHAND, 1993).

Trabalhos anteriores (CUNHA, 2002; 2007; 2008) mostram que os gêneros da imprensa constituem um material excepcional para a reflexão sobre a palavra, a circulação dos discursos, a espessura dialógica desses discursos, o caráter axiológico e a constituição dos sentidos do texto. Neste artigo, discutiremos inicialmente conceitos que permitem analisar o incessante processo de retomada e (re)acentuação de palavras e discursos, e em seguida passaremos para a análise de dois gêneros discursivos.

1 DIALOGISMO, CIRCULAÇÃO E MEMÓRIA

O conceito de *dialogismo* recobre um campo amplo: coloca a enunciação no centro das relações interdiscursivas e o enunciado no contexto imediato e na sua história: toda enunciação é apenas “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 229) e o enunciador não é a única fonte do enunciado nem dos sentidos.

Bakhtin aponta diferentes dimensões do fenômeno. Utiliza o adjetivo dialógico para caracterizar os termos *relação*, *orientação*, *fiôs* que constituem o enunciado. Pode-se apreender em seus textos uma pluralidade de sentidos, ligados aos fenômenos de “abertura para”, “de relação com”, de diálogo como retomada-modificação, bem como de presença do outro em nós, heterogeneidade fundamental das formas de sentido, na leitura de François (2006).

O dialogismo, constitutivo do sentido do discurso, levou à renovação da problemática do discurso de outrem, antes estudado do ponto de vista das formas sintáticas da língua, da unidade da men-

sagem, ou para propor um método, dando origem a novas direções nos estudos do discurso citado: (1) da interação entre dois discursos de sujeitos concretos, historicamente situados, considerando a tensão, a dinâmica da inter-relação entre o discurso citante e o discurso citado, e a relação que liga o enunciador ao locutor da enunciação anterior; (2) das formas de representação do dialogismo não marcado – discurso indireto livre, construções híbridas, discurso bivocal do discurso-arte, ironia, paródia.

Alguns estudiosos de Bakhtin elaboraram, a partir dele, outras categorias para dar conta das diferentes dimensões do dialogismo: *heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva*, formuladas por Authier-Revuz (1982)², e posteriormente, revistas em termos de *não-coincidências do discurso consigo mesmo*³ (Authier-Revuz, 1995). Retomando a proposta por Authier-Revuz, Moirand (1999) utiliza *dialogismo mostrado*, que se manifesta nas referências explícitas aos discursos anteriores; e *dialogismo constitutivo*, desdobrado, em *dialogismo intertextual constitutivo* – discursos que fazem parte da memória discursiva midiática e *dialogismo interacional constitutivo* – interações imaginadas com um “arquidestinatário”, presente no âmbito do discurso interior dos interlocutores, deixando marcas no discurso produzido. Fairclough (2001) trabalha com a *intertextualidade manifesta* e a *intertextualidade constitutiva* como foco principal da Análise Crítica do Discurso. E Bres (2006) propõe quatro dimensões: *dialogismo constitutivo*, *intertextual*, *interlocutivo* e *intralocutivo*.

Essas categorias referem-se à interação interdiscursiva e com o destinatário. Há ainda outro aspecto do dialogismo postulado por Bakhtin, que é a circulação da palavra e do discurso: “a vida da pa-

2 – O conceito de *dialogismo constitutivo* foi elaborado com base na teoria bakhtiniana e na psicanálise lacaniana

3 – Authier-Revuz (1995) fez estudo exaustivo das formas que designam o outro no discurso, no plano da língua e do discurso, com parâmetros diferenciadores dos tipos de representação do exterior do discurso. Os resultados da proposta da autora – dar uma forma mais precisa a alguns aspectos da teoria bakhtiniana e fornecer instrumentos para a análise da *não-coincidência do discurso a ele mesmo* – podem ser considerados com Brait (2001) um dos grandes avanços nos estudos linguísticos das últimas três décadas, tendo colocado os estudos enunciativos em destaque e na pauta das diversas tendências da análise do discurso.

lavra está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra” (BAKHTIN, 1997, p. 203). Referindo-se a Dostoiévski, ele mostra que na obra deste autor “um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente” (BAKHTIN, 1997, p. 271). A passagem do tema por muitas e diferentes vozes é a característica da comunicação humana. Nessa circulação incessante, por meio de procedimentos que vão desde a literalidade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e a sua deturpação, os discursos são inevitavelmente reacentuados nos novos contextos.

É nesse aspecto, especificamente, que a abordagem bakhtiniana contribui para a reflexão sobre a memória discursiva na constituição do discurso, na medida em que está intimamente ligada ao já-dito no qual os falantes retomam as palavras.⁴ Nesse sentido, em todo e qualquer discurso, “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; /.../ Nela, são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos)” (BAKHTIN, 1993a, p. 100).

Moirand (2007b) usa a expressão memória interdiscursiva, porque considera que o discurso se inscreve na circularidade constitutiva e ininterrupta da fala, suscitando assim uma atividade memorial intensa, o que se coaduna com a teoria bakhtiniana na qual ela inscreve seus trabalhos. Num dos seus últimos escritos, Bakhtin escreve: “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (2003, p. 410).

Em todas as suas dimensões, o conceito de dialogismo, como se sabe, desempenha um papel fundamental no pensamento bakhtiniano, de modo que se pode falar de uma *teoria dialógica do discurso*, como propõe Brait (2006) ou de uma *linguística da circulação dos discursos* (FRANÇOIS, 1993).

4 – Essa também é a visão da Análise do Discurso Francesa para quem “O sentido se forma, na história por meio do trabalho da memória, da incessante retomada do já-dito” (MALDIDIER, 1993, p. 89).

2 O PROCESSO DE (RE)ACENTUAÇÃO

A questão da acentuação nos interessa particularmente, tendo em vista que estudos anteriores sobre o discurso reportado e a circulação dos discursos (CUNHA, 1992; 2008) colocam em evidência a relação entre retomada e (re)acentuação.

Bakhtin e Bakhtin/Volochinov colocam esse processo como constante no funcionamento da linguagem, porém, como outros conceitos do Círculo de Bakhtin, eles não são explicitamente definidos. Por isso, procuramos apreender o conceito nos escritos desses autores para utilizá-lo como categoria de análise.

Acentuação, acento apreciativo, reacentuação, pluriacentuação foram tratados por Bakhtin/Volochinov na discussão sobre o *objektivismo abstrato*:

a mudança do acento avaliativo da palavra em função do contexto é totalmente ignorada pela linguística e não encontra nenhuma repercussão na sua doutrina da unicidade da significação. (...) Embora os acentos avaliativos sejam privados de substância, é a pluralidade de acentos que dá vida à palavra. (...) O problema de pluriacentuação deve ser estreitamente relacionado com o da polissemia. A linguística se desembaraça dos acentos avaliativos ao mesmo tempo que da enunciação, da fala (1995, p. 100-110).

Usada numa enunciação, a palavra é carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, tem um sentido, acompanhado por um acento de valor ou apreciativo. “Sem acento apreciativo, não há palavra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 132). E para Volochinov,

a simples seleção de um epíteto ou uma metáfora já é um ato de avaliação ativo orientado em duas direções – em direção do ouvinte e em direção do herói. (...) E os julgamentos de valor, por sua vez, determinam a *seleção de palavras* do autor e a recepção desta seleção (a co-seleção) pelo ouvinte. As palavras não são retiradas do dicionário, mas do contexto da vida onde se impregnaram de julgamentos de valor (s/d, p. 10).

Essa concepção também está claramente formulada em *Para uma filosofia do ato*, um dos primeiros textos de Bakhtin:

(...) a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre – não uma atitude indiferente mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa apenas um objeto, como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entoação (uma palavra realmente pronunciada não pode deixar de entoada, porque a entoação existe pelo simples fato de ser pronunciada) minha atitude valorativa em relação ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele (...) (1993b, p. 50).

Este é ponto central da teoria bakhtiniana: a palavra no discurso tem caráter axiológico e escolher uma palavra é posicionar-se axiológicamente.

Bakhtin/Volochinov (1995) analisam a utilização da entoação no *Diário de um Escritor*, de Dostoiévski. Para os autores, o sentido realiza-se completamente por meio da entoação e não pela significação das palavras e da combinação gramatical. Reconhecem que “a entoação não traduz adequadamente o valor apreciativo; esse serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 128). O que fica claro é que cada grupo social reacentua ao seu modo as palavras comuns.

Bakhtin analisa a entoação baseado na escolha das palavras, como ilustra o exemplo a seguir: "Kalloméitsev inseriu seu monóculo redondo entre a sobancelha e o nariz e passou a examinar o *estudantezinho que ousava não compartilhar* de suas 'inquietações'" (Terra Virgem, cap. VII). Bakhtin mostra a construção híbrida e escreve:

Não só a oração subordinada, mas também o objeto direto ("estudantezinho") da oração principal do autor, são dados nos tons de Kalloméitsev. A escolha das palavras ("estudantezinho", "ousava não compartilhar") é determinada pela entoação indignada de Kalloméitsev, e ao mesmo tempo, no contexto do discurso do autor, estas palavras são atravessadas pela entoação irônica do autor: daí uma construção duplamente acentuada (transmissão irônica – arremedo da indignação do personagem) (1993a, p. 122).

Para sintetizar, diríamos que a noção de acento também aponta para diferentes dimensões: o tom (“humorística, irônica, paródica,

acentos de desespero”); o julgamento de valor, ao caráter axiológico: “... o julgamento de valor inerente a toda palavra viva, revelado pela acentuação” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 188); o ponto de vista ou posicionamento do autor: “Mas o que se percebe mais é a ironia do autor, sua acentuação, a atividade empregada para organizar e abreviar o conteúdo a expressar” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 162); o efeito de deslocamento temático inerente à circulação discursiva, o que significa que um ou mais aspectos passam a ser objeto da retomada e são articulados a outros que não estavam originalmente juntos no discurso: “A retórica recorre amplamente a vigorosas reacentuações das palavras transmitidas (frequentemente até a uma total deformação delas...” (BAKHTIN, 1993a, p. 152). Essas diferentes dimensões são observadas na análise do nosso *corpus*.

3 ELEMENTOS SUBMETIDOS AO ESTUDO: APRESENTAÇÃO DOS MOMENTOS DISCURSIVOS⁵

Os corpora da pesquisa foram constituídos para dar conta de alguns fenômenos presentes no discurso da mídia. Procedemos inicialmente à constituição de um corpus em que pudéssemos colocar em relação, no plano metodológico, um texto fonte e um conjunto de outros textos construídos a partir do primeiro. Escolhemos, a título experimental, uma denúncia feita pela revista *VEJA* de financiamento por Cuba da primeira campanha de Lula à presidência da República. Analisamos notícias, artigos de opinião, editorial e cartas de leitor do ponto de vista da circulação discursiva e não apenas do dialogismo interdiscursivo, que vai da ilha textual à alusão, passando pelas formas de discurso direto, indireto, indireto livre, narrativiza-

5 – Utilizamos livremente a noção de momento discursivo proposta por Moirand (2007a), para referir-se a um “fato ou evento /.../ que dá lugar a uma abundante produção midiática e que deixa igualmente alguns indícios a mais ou menos longo prazo nos discursos produzidos posteriormente a propósito de outros eventos”. Dessa forma, a autora mostra que as palavras e expressões que nomeiam os eventos num momento discursivo terminam por se constituir no nome do evento, a exemplo de, tisuname, 11 de setembro, etc.

do, mistas, modalização em discurso segundo.⁶ A reportagem, *Campanha de Lula recebeu dinheiro de Cuba*, que chegou às bancas dia 29 de outubro de 2005, mas cuja data de capa é 2 de novembro de 2005, foi publicada no *momento discursivo* designado pela mídia como *caixa-dois*, ligado e confundido com outro, denominado ao *mensalão*. Moirand (2007a) denomina *palavra-evento* as palavras ou expressões que terminam por tornar-se o nome do evento e servem para ativar a memória e fazer lembrar os eventos anteriores e todos os discursos a eles ligados.

Posteriormente, escolhemos outros momentos discursivos para análise: o do lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no primeiro semestre de 2007; do uso dos cartões do governo pelos ministros, que a imprensa chamou de *cartões corporativos* e o da crise nos aeroportos brasileiros, nomeado *apagão aéreo e caos aéreo*. Os corpora foram compostos de textos de jornais de circulação nacional (*Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*) e local (*Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*) e em versão digital (*Folha on line* e o *JC on line*). Apresentamos a seguir, com um pouco mais de detalhe, a análise de uma charge e de cartas de leitores.

4 UM EXEMPLO DE CIRCULAÇÃO DA PALAVRA

Inicialmente, consideramos algumas características do gênero que escolhemos para analisar a circulação da palavra. Na charge, as palavras formam um amálgama com a imagem na constituição dos sentidos. Como um artigo de opinião ou um editorial, procura fazer valer uma convicção, um julgamento, um sentimento, mas tem o propósito de criar uma representação crítica, humorística, satírica de um acontecimento específico, de natureza política, em geral (RABAÇA & BARBOSA, 1978 *apud* GURGEL, 2003). Para Barros (2001 *apud* CHAVES, 2003, p. 5), “os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de

6 – Para as noções de ilha textual, alusão e modalização em discurso segundo, ver Authier-Revuz (1996; 2004. 2007, respectivamente). Para discurso narrativizado e formas mistas, ver Cunha (1992).

fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezível.” Vejamos agora uma charge publicada no dia 06 de agosto de 2007 (<http://www.chargeonline.com.br/>):



É necessário também recolocar o evento na diversidade de suas relações contextuais e dialógicas. O momento discursivo denominado *apagão aéreo* e *caos aéreo* iniciou-se com a queda de um avião, em setembro de 2006, que levou ao afastamento de alguns controladores de voo para investigação. Em outubro, os controladores iniciaram uma greve, a operação-padrão, que levou à crise do sistema de controle aéreo. A partir de então, a imprensa utiliza também a formulação *caos aéreo*. Vale lembrar que a crise foi relacionada a outro acidente aéreo ocorrido em julho de 2007. A escolha das palavras-evento *apagão aéreo* faz alusão a outro momento discursivo denominado *apagão*, trazendo à memória coletiva a crise de fornecimento e distribuição de energia elétrica, que atingiu gravemente os brasileiros em 2000 e 2001, o embate político que a provocou, conhecido como *escândalo do apagão*.

A alusão, no sentido de Authier-Revuz refere-se ao *empréstimo de palavras, construções, retomada não explícita de segmentos em sua linearidade*:

(...) nas palavras que enuncia, o *enunciador joga com a possibilidade de fazer ressoar*, não outras palavras da língua como no trocadilho ou no equívoco, (...) mas palavras de outros dizeres, suscitando, através da sua voz, a música de uma outra voz (2008, p. 12; grifos da autora).

É uma forma de dialogismo interdiscursivo e interlocutivo, uma vez que, como não faz uso de marcas linguísticas, conta com o leitor e com a sua memória discursiva para reconhecê-la. Daí a autora falar de riscos, porque pode não ser percebida pelo receptor.

A formulação caos aéreo é uma alusão à crise nos aeroportos brasileiros, e *popularidade*, à crescente aprovação do presidente da República pela população. No dia anterior, a *Folha de S. Paulo* havia publicado resultados de pesquisa de opinião em que os índices de aprovação do presidente Lula aumentavam, apesar da crise nos aeroportos brasileiros e do segundo acidente em julho de 2007.

Sem esquecer que todo texto comporta na sua circulação efeitos de permanência e de deslocamento, a charge retoma a palavra-evento caos aéreo, reacentuando o problema, pela escolha desta formulação, e pelo contraste criado pelas imagens dos dois aviões: a imagem do avião nomeado *caos aéreo* é muito maior do que aquele da *popularidade*, bem como as fontes utilizadas para escrever os nomes. No entanto, as imagens mostram o avião *caos aéreo*, em primeiro plano na charge, *embicando* e o avião *popularidade* decolando.

A construção do sentido nessa charge passa pelo tipo de relação que se estabelece entre os dois eventos políticos, mobilizando a memória interdiscursiva, a história, saberes e discursos, reforçando assim a memória coletiva. Cabe ao leitor interpretar essa forma humorística que reitera discursos, críticas e posicionamentos políticos. Esse exemplo ilustra ainda como as palavras são retomadas e reacentuadas na passagem de um locutor para outro, de um gênero para outro, de um momento para outro, transportando novos sentidos e outros discursos.

5 A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS

A carta é um gênero amplamente analisado de outros pontos de vista teóricos. Contudo, não faremos uma revisão da literatura sobre este gênero, tendo em vista que ele nos interessa do ponto de vista de suas relações interdiscursivas. Vejamos alguns exemplos:

CARTA 1: Lula e Cuba. Boccato, Paulo. *O Jornal do Brasil*. Opinião, 31/10/2005, A14.

A Cuba de hoje que jura de pés juntos que não enviou dinheiro para a campanha de Lula, é a mesma Cuba que jurou mais de duas décadas atrás perante um comitê de investigação da ONU sobre tráfico ilegal de armas que não enviou ou entupiu de “forma alguma” os movimentos guerrilheiros da África de então com centenas de milhares de fuzis AK-4 (...)

Esta carta retoma a resposta dada pelos dirigentes de Cuba à denúncia (“... jura que não enviou dinheiro”). A construção em discurso indireto, usando o pretérito perfeito do indicativo, cujo aspecto verbal manifesta término do processo de envio, e a negação “não enviou”, que pressupõe outra voz afirmando que houve o envio, reitera o conteúdo da denúncia. Observa-se que o leitor constroi sua argumentação por meio de um discurso indireto atribuído a Cuba e traz outro evento passado, que ativa a memória interdiscursiva.

Vemos que na passagem do discurso de uma enunciação para outra – essa seria no mínimo uma terceira camada enunciativa – ocorrem os processos de condensação, reacentuação e acréscimo de conteúdos. A retomada da denúncia funciona como argumento para o leitor expor seu posicionamento axiológico: Cuba mentiu para a ONU e mente agora, reacentuando assim o caráter verídico da denúncia.

CARTA 2: Indignação. Ferreira, Júlio. *Jornal do Commercio*. Opinião, 1/11/2005, p. 10.

Que me desculpe Fidel Castro, por quem aliás nutro uma enorme e antiga, admiração, mas a sua tentativa de se mostrar indignado *ante as insinuações de que teria contribuído com US\$ 3 milhões para a campanha de Lula, em*

2002, baseando-se na declaração de que “jamais interferiu em assuntos internos brasileiros”, beira ao ridículo.

O leitor da carta retoma o discurso da *VEJA* por meio de uma nominalização (as insinuações de que teria contribuído com US\$ 3 milhões para a campanha de Lula, em 2002) e de Fidel Castro, publicado em resposta à reportagem da revista (que “jamais interferiu em assuntos internos brasileiros”). O propósito aqui é atacar Fidel Castro. Observe-se que o leitor usa o termo insinuação e o futuro do pretérito para se distanciar do discurso da revista, mas as retomadas dos dois eventos, amalgamadas às reacentuações, contribuem para reforçar a memória interdiscursiva.

CARTA 3: Dinheiro de Cuba. Anjos, Rodrigo. *O Globo*, 1/11/2005, A6.

Primeiro foi o assessor nordestino tentando embarcar no aeroporto em São Paulo com os dólares escondidos na cueca. *Agora, o dinheiro de Cuba bem acondicionado em garrafas de rum e uísque.* Convenhamos, quando o assunto é transporte não convencional de recursos não contabilizados é inegável a imensa criatividade petista!

A carta retoma a denúncia e um evento amplamente divulgado na imprensa, que circulou a partir de julho deste ano: a prisão por agentes da Polícia Federal de São Paulo no aeroporto de Congonhas de um assessor parlamentar do deputado estadual cearense José N. Guimarães (PT), irmão do então presidente do PT, José Genoíno, e membro do Diretório Nacional do partido, com R\$ 200 mil numa valise e US\$ 100 mil na cueca. O leitor inscreve os dois eventos na carta, apagando a fonte dos enunciados, e ativando a memória coletiva sobre o momento *caixa dois*. As retomadas servem como argumento para atacar os petistas.

O exemplo a seguir mostra uma retomada com o propósito de atacar a imprensa.

CARTA 4: Dinheiro de Cuba. Ferreira, Carlos Eduardo. *O Globo*, 1/11/2005, A6.

Chega a ser ridícula esta notícia de que *o dinheiro de Cuba irrigou a campanha do PT*. Um país pobre como Cuba, que vive correndo atrás de divisas, dar dinheiro para partidos

do Brasil, só na cabeça desses malfeitores da direita reacionária e golpista.

O autor retoma o conteúdo da denúncia por meio de uma nominalização (“esta notícia de que o dinheiro...”), numa construção sintática impessoal (“chega a ser ridícula”), para apresentar o seu ponto de vista. Reacentua, por meio da escolha do verbo irrigar no pretérito perfeito do indicativo, a crítica aos que fizeram e aos que acreditam na denúncia. Seu propósito é justamente ridicularizar, rechaçar a denúncia e atacar os jornalistas (“malfeitores da direita reacionária e golpista”). Para isso, utiliza como argumento a situação econômica de Cuba.

As 19 cartas têm características discursivas semelhantes: 18 delas retomam, de modo condensado, conteúdos da denúncia para defender seus pontos de vista sobre o governo (onze para criticar o governo, o PT e os petistas; quatro para defendê-los; uma para acusar o governo cubano; uma para criticar a mídia). Do total, três cartas retomam fragmentos da reportagem, questionando o teor de verdade do “fato” narrado por *VEJA* e três afirmam tratar-se de ficção e mentira. Nenhuma carta cita a revista *VEJA* nem os jornais que divulgaram a reportagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desvela, a partir da materialidade linguística, a guerra de discursos. Mostra também como todo discurso citante é passível de tornar-se discurso citado, num fenômeno telescópico de encadeamentos sucessivos. Daí os fenômenos de diluição ou de dispersão da literalidade e dos sentidos.

A charge e a carta de leitor são gêneros de “enunciação subjetivizada” (Moirand, 1999), construídos para comentar um evento, de modo que não pode prescindir dos discursos anteriores. Entretanto, devido às características de cada gênero, as formas de retomadas diferem bastante: a charge, que constrói sua enunciação por meio de linguagem visual e verbal, toma de empréstimo palavras de outrem para fazer a representação do evento, de forma humorística. Funciona, portanto, sob o modo da alusão, reiterando pontos de vista políticos circulantes na mídia.

As cartas de leitores, construídas por retomadas mais ou menos marcadas de um evento midiático, também dispõem de pouco espaço no jornal. Apagam as fontes dos fragmentos retomados, introduzindo-os por meio de nominalizações ou de construções onde a enunciação de outrem é mostrada, mas que não correspondem aos esquemas sintáticos de transmissão. São reenunciações que reacentuam diferentes aspectos ligados à denúncia contra o governo e os petistas, respostas ao discurso-fonte e aos discursos-respostas numa cadeia dialógica ininterrupta.

Nos momentos discursivos estudados, vemos o embate de posicionamentos, embates políticos que se dão no espaço da mídia. Dessa forma, cada evento midiático são representações construídas a partir da apreensão dos discursos e dos posicionamentos axiológicos dos jornalistas, comentaristas, chargistas, leitores e atores que dela participam.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, n. 26, p. 91-151, 1982.

_____. *Ces mots qui ne vont pas de soi – boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1992. t. 1 et 2.

_____. Remarques sur la catégorie de "l'îlot textuel". *Cahiers du Français Contemporain, Hétérogénéités en discours*, n. 3, p. 91-115, juin 1996.

_____. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: Lopez-Munoz, J.M.; Marnette, S.; Rosier, L. (Eds.). *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 35-53.

_____. Nos riscos da alusão. Tradução Ana Elizabeth Moreira e Cunha Vaz, Dóris de Arruda C. da. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*, Recife, n. 2, p. 9-46, v. 20, 2007.

BAKHTIN, M. *Questões de estética e de literatura*. 3. ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993a.

_____. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, a partir da edição americana *Toward a Philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993b.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

- _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOTA, C.; BRONCKART, J.-P. Volochinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut, *LINX* (Paris-X-Nanterre), n. 56, p. 67-83, 2008.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. In: BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil – histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes/São Paulo: Fapesp. 2001. p. 7-25.
- BRES, J.; NOWAKOWSKA, A. Dialogisme: du principe à la matérialité discursive. *Recherches linguistiques, Le sens et ses voix – dialogisme et polyphonie en langue et discours*, Université Paul Verlaine-Metz, n. 28, p. 21-48, 2006.
- CHAVES, S. A. P. A charge de Angeli como recurso didático para interpretação de texto escrito. In: CONGRESSO NACIONAL DE LEITURA DO BRASIL, 14, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais14/Sem06/C06051.doc>>. Acesso em: 20 ago. 2009.
- CUNHA, D. de A. C. da. *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992. 231p.
- _____. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: BEZERRA, M. A.; DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2002. p. 166-179.
- _____. O caráter histórico dos gêneros e da representação da enunciação. *Revista do Gelne*, v. 8, n. 1/2, p. 7-20, 2007.
- _____. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga* 22, p. 129-144, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- FRANÇOIS, F. *Pratiques de l'oral*. Paris: Nathan, 1993.
- _____. Dialogisme des “voix” et hétérogénéité constitutive du “sens”. le “savoir”, le “quotidien” et le “littéraire”, communauté et différences d’accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski. une contribution indirecte à la pédagogie du “texte littéraire”. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 19, n. 2, 2006.
- GARCIA N. H. da M. Para além das palavras: charges, tiras e quadrinhos. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss05_08.pdf>.

GARDIN, B. Volochinov ou Bakhtine? *La Pensée*, n. 197, p. 87-100, 1978.

GURGEL, N. A charge numa perspectiva discursiva. *Primeira Versão - Revista do Centro de Hermenêutica do Presente*, Rondônia, Ed. Universidade Federal de Rondônia, ano I, n. 135, 2003. Disponível em: <<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo135.html>>.

LEMARCHAND, J. Reprise et reformulation du discours d' autrui. *Langage et société*, v. 64, p 9-42, 1993.

MALDIDIER, D. L'inquiétude du discours. Un trajet dans l'histoire de l'analyse du discours: le travail de Michel Pêcheux. *SEMEN* 9, p. 107-119, 1993.

MARCUSCHI, L. A. O aspecto lexical no processo de textualização. Projeto de pesquisa submetido ao CNPq para renovação de bolsa de produtividade. 2003.

MOIRAND, S. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de praxématique*, v. 33, p. 145-183, 1999.

_____. Variations discursives dans deux situations contrastés de la presse ordinaire. *Cahiers du Cediscor*, Presses de la Sorbonne Nouvelle, n. 6, 2000.

_____. Du traitement différent de l'intertexte selon les genres convoqués dans les événements scientifiques à caractère politique. *SEMEN*, Genres de la presse écrite et analyse du discours, n. 13, 2002.

_____. *Les discours de la presse quotidienne* – observer, analyser, comprendre. Paris: PUF, 2007a.

_____. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. *CORELA*, numéros spéciaux, Cognition, discours, contexte, *Revue en ligne*, 2007b. Disponível em: <<http://edel.univ-poitiers.fr/corela/document.php?id=1636#texte>>.

SEROT, P. Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine, *LINX*, Paris-X-Nanterre, n. 56, p. 31-47, 2008.

VOLOCHINOV, V. N. s/d. O discurso na vida e o discurso na arte. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, tendo como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (*Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*), publicada em Valentin Nicolaévitch Voloshinov, *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. (1. ed., 1926)

Recebido em 22/05/2009
Aprovado em 04/09/2009